

Jeremy Camp

ENQUANTO
ESTIVERMOS JUNTOS

Tradução:
Fernanda Marão e Natalia Aranda



SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

PREFÁCIO

PRÓLOGO

1. Tudo começa em casa
2. Cabo de guerra
3. Liberdade
4. A ligação
5. Seguindo para a costa oeste
6. O dom
7. Triste e humilhado
8. “Apenas uma pessoa”
9. Caminhando pela fé
10. Buscando esperança
11. “Chegou a hora”
12. Por quê?
13. Novos caminhos
14. Apaixonando-me novamente
15. Tudo sobre Deus
16. Chegando às raízes
17. Tudo que realmente importa
18. Haverá um dia

19. Arriscando tudo pelo Evangelho
20. O amor perfeito do Pai
21. Luzes! Câmera! Ação!
22. Eu ainda acredito

SOBRE O AUTOR

NOTAS

CRÉDITOS

PREFÁCIO

QUANDO SOUBE QUE O LIVRO DE Jeremy, *Enquanto estivermos juntos (I still believe)*, se tornaria um filme, fiquei muito feliz por ele. Conheço Jeremy desde 2002, quando participamos do Festival Con Dios. Fiquei feliz com a notícia porque sei o quanto um filme pode ser poderoso para levar ao grande público uma história de uma graça de Deus.

Mas, para ser totalmente honesto, também fiquei um pouco apreensivo. Em 2017, quando o filme *Eu só posso imaginar* foi lançado, retratando minha vida e todas as coisas difíceis que aconteceram e inspiraram a canção que deu nome ao filme, não sabia como seria difícil para minha família e para mim. É assustador assistir à sua própria vida representada em um filme. É estranho ver os atores interpretando você, a sua família e os seus amigos; dizendo as coisas que costumamos dizer e fazendo as coisas que fizemos — as boas e as más. Você tem o privilégio de reviver algumas das experiências mais incríveis que viveu, mas também tem seus piores momentos expostos para quem quiser ver. Permitir que as camadas protetoras fossem retiradas pela equipe de filmagem e mostrar a história verdadeira por trás da canção e da banda MercyMe foram algumas das coisas mais vulneráveis que já fiz.

Sei que Jeremy compartilha os mesmos medos e ansiedades de ver sua vida nas telas. Sei o quanto ele está

assustado e animado. E vou orar para que Deus use essa história poderosa para continuar construindo o Seu reino.

É difícil acreditar que uma vida inteira pode ser resumida em duas horas (ou menos) de um filme. Horas e horas de filmagem (bem como momentos inteiros de uma vida) ficam abandonadas na sala de edição. Estou entusiasmado de saber que, nas páginas deste livro, você terá a chance de conhecer os detalhes da vida de Jeremy que não puderam ser incluídos no filme.

A história de Jeremy de amar e perder sua esposa Melissa, a resiliência e as bênçãos que se seguiram em sua vida com Adrienne são um poderoso testemunho da graça de Deus. Como você descobrirá com a leitura deste livro, o último desejo de Melissa foi que Deus usasse sua partida para converter pelo menos uma pessoa à fé. Com certeza, a música de Jeremy e a maneira tão bonita como ele conta sua história converteram muito mais do que uma pessoa para o Reino de Deus. Agora, mal posso esperar para ver Deus usando o filme que conta essa história para trazer mais pessoas ao seu Reino.

Bart Millard, 2019

PRÓLOGO

PEGUE SEU VIOLÃO.

Eu não queria. Não queria nada com música. Fazia duas semanas desde que Melissa tinha ido para o Céu. Minha esposa tinha apenas vinte e um anos e estávamos casados havia apenas três meses e meio quando ela faleceu de câncer de ovário.

Sentei no sofá da sala de estar da casa dos meus pais. Eu estava sozinho — sozinho de várias maneiras.

Naquelas duas semanas minha vida estava envolta em uma névoa que não dispersava. Tudo que antes parecia fazer tanto sentido agora não tinha mais sentido nenhum. Os médicos tinham afirmado que o câncer de Melissa havia desaparecido. Casamo-nos compartilhando os desejos de ter filhos e de trabalhar juntos no ministério — eu por meio da música, ela por meio do ministério de mulheres e de estudos da Bíblia. Mas mal tivemos a chance de começar a viver nossos sonhos.

Minha Melissa tinha ido embora, e eu me perguntava onde Deus estava. Eu queria orar, mas em meu desespero nem sabia ao certo quais eram meus próprios pensamentos. Tentava orar, mas não sabia por onde começar. Todas as palavras fracas que conseguia enviar no caminho de Deus pareciam se perder na névoa em que estava mergulhado.

— Deus, Você realmente me ouve?

— Você realmente se importa com tudo que acontece?

— Deus? Você está por perto?

Pegue seu violão.

Pela primeira vez desde a morte de Melissa, senti que Deus me enviava uma resposta. Suas palavras estavam cristalinas no meu coração.

Mas eu não queria pegar o violão. Não queria voltar para a música ou fazer nenhuma das coisas que já havia feito. Quando escrevia canções, falava do que se passava em meu coração. Naquele momento eu nada sentia. Eu estava anestesiado. Estava física e emocionalmente esgotado. Nada tinha para oferecer.

— Não, Deus, não. A última coisa que quero fazer é tocar violão.

Pegue seu violão. Quero que você componha uma canção.

Cedi e comecei a dedilhar alguns acordes sem pensar. Eu não entendia a razão de estar tocando, mas continuei. Então as emoções começaram a tomar conta de mim. Senti as lágrimas chegarem aos meus olhos. Palavras — na verdade, pensamentos — vieram à minha cabeça e comecei a falar enquanto tocava:

Scattered words and empty thoughts

Seem to pour from my heart^[1]

Pela primeira vez em duas semanas, eu conseguia expressar o que sentia.

*I've never felt so torn before
Seems I don't know where to start^[2]*

Levantei rapidamente para pegar um caderno e uma caneta e voltei para o sofá.

*But it's now that I feel Your grace fall like rain
From every fingertip, washing away my pain^[3]*

Anotei as palavras conforme elas vinham para mim.

*I still believe in Your faithfulness
I still believe in Your truth
I still believe in Your holy Word^[4]*

As palavras não saíam da minha mente, elas brotavam do local mais profundo da minha alma.

*In brokenness I can see that this was Your will for me.
Help me to know You are near.^[5]*

Me inclinei para trás, impressionado com as palavras que tinham vindo para mim e ainda sem saber que Deus as usaria para falar através de mim para outras pessoas que, como eu, se sentiam abandonadas no vale da mais profunda tristeza. Pessoas que precisavam de esperança. Pessoas que precisavam de incentivo para deixar Deus cavar as profundezas de sua

alma até o próprio fundamento de sua fé para então descobrir ali a vontade de declarar: “Eu ainda acredito!”.

Compus “I still believe” em dez minutos.

Mas, em essência, passei toda a minha vida compondo essa canção.

CAPÍTULO 1

TUDO COMEÇA EM CASA

FÉ E FAMÍLIA.

Quando olho para trás, faz sentido que minha cura depois da morte de Melissa tenha começado na casa de meus pais em Lafayette, Indiana.

Troquei a casa deles pela Califórnia para fazer o curso profissionalizante da Calvary Chapel Bible College. Foi na Califórnia que encontrei meu caminho no ministério. Foi lá que minha carreira musical começou a se desenvolver. Também foi lá que conheci minha parceira escolhida por Deus no ministério. Contudo, após o funeral de Melissa, quando o caminho que pensei que havia sido traçado repentinamente desapareceu à minha frente, quando minha fé foi abalada de tal maneira como nunca imaginei ser possível, tudo que eu soube fazer foi voltar para casa.

Fé e família estão perfeitamente unidas em minha história de vida.

Meus pais me proveram aquilo que não tiveram ao crescerem: um lar cristão. Isso por si só foi um milagre.

Imagine um homem bêbado, com seu amigo igualmente embriagado, entrar cambaleante na igreja em um domingo à noite e responder a um chamado do altar para aceitar Jesus

como seu Salvador, e então você terá a notável história da conversão do meu pai.

Meu pai, Tom — ou “Bear” [“urso” em inglês], como seus amigos o chamavam —, abandonou a escola aos dezesseis anos, pois se envolvera fortemente com álcool e drogas (mais tarde passou no GED^[6] e frequentou a faculdade). Com personalidade do tipo festeira e divertida, quando era adolescente não tinha dificuldade de encontrar festas e convencer outras pessoas a juntar-se a ele nesse tipo de diversão.

Minha mãe, Teri, era a clássica garota certinha da escola. Ela cresceu em um ambiente familiar estável. Estudiosa, tinha planos e metas. Foi aceita na Universidade Purdue quando conheceu e começou a namorar o meu pai em seu último ano na escola.

O namoro deles era motivo de fofoca nos corredores — mas não do tipo líder-de-torcida-que-namora-o-jogador-de-futebol. Os comentários eram mais do tipo:

— Por que *ela* está saindo com *ele*?

Ela se apaixonou pelo jeito simpático do meu pai e por quão fácil era conversar com ele. Mas, devido ao consumo pesado de álcool e maconha, meu pai tinha dificuldade de permanecer estável nos empregos que arranjava. Então minha mãe deixou de lado seus planos de estudar decoração de interiores na faculdade e começou a trabalhar. Eles se tornaram anfitriões de festas populares. Meu pai vendia maconha nessa época, então é fácil imaginar que tipo de festas e foliões eles recebiam em casa.

Quando descobriram que minha mãe estava grávida, foram morar juntos, e minha irmã, April, nasceu em 1975, antes de formalizarem o casamento. Ter um recém-nascido acabou com as festas em casa, mas o estilo de vida do meu pai continuou a seguir por um caminho tortuoso. A bebedeira aumentou e ele passou a usar e vender cocaína. Quanto mais bebia, mais violento ficava.

Cerca de um ano e meio após April nascer, meu pai entrou em depressão e percebeu que sua vida estava fora de controle.

— Não sei o que há de errado comigo — disse ele à minha mãe. — Me sinto tão vazio por dentro. Não é você. Não é a April. As drogas não me fazem feliz. Não sei o que há de errado.

— Você quer ir a um psiquiatra? — perguntou minha mãe.

— Não — replicou ele. — Preciso conversar com um pastor.

No Natal de 1976, meu pai ficou visivelmente deprimido. Minha mãe chegou a pensar que ele poderia se machucar, mas, quando tentou consolá-lo, ele disse:

— Preciso ir à igreja e tem de ser agora.

Naquela noite, eles dirigiram de uma igreja para outra procurando uma que estivesse aberta. Finalmente, encontraram uma onde um grupo de pessoas estava tocando. Meus pais entraram e sentaram-se em um banco em silêncio, mas os músicos não lhe deram atenção, provavelmente porque pareciam mais dois hippies perdidos do que frequentadores normais. Eles ficaram no banco por um tempo até minha mãe perguntar a meu pai se ele se sentia melhor.

— Sim — respondeu ele, e foram embora.

Quatro dias depois, em uma quarta-feira à noite, eles decidiram procurar uma igreja novamente.

Quando meu pai era criança, uma vizinha gentil chamada Meb às vezes o levava à igreja com ela. Em uma dessas vezes, quando ele tinha onze anos, subiu ao altar para aceitar Cristo. No entanto, sem uma família para mantê-lo espiritualmente conectado, acabou se afastando da igreja. Ele chegou a conversar sobre coisas espirituais com minha mãe no começo do namoro, mas a cristandade até então era algo sobre a qual ele pensava e questionava em seu coração, mas que nunca se tornava mais do que isso. Porém, pelo menos ele tinha aquela experiência que Meb havia lhe proporcionado quando analisou a própria vida e chegou à conclusão de que precisava fazer sérias mudanças. Ele havia tentado quase tudo, mas em seu coração sabia qual era a verdade e que o Espírito Santo estava chamando-o e fazendo um trabalho profundo dentro dele.

Minha mãe frequentou a igreja quando era criança por obrigação; minha avó a levava sozinha e meu avô as acompanhava em domingos de Páscoa e outras poucas ocasiões especiais. Minha avó a presenteou com um livro de histórias da Bíblia que minha mãe adorava ler quando pequena. Mas, mesmo sabendo sobre Jesus, nunca desenvolveu uma relação com Ele. Com meu pai apresentando uma tendência a um comportamento perigoso, ela se abriu para a igreja provendo a fonte para a mudança de que ele precisava.

Poucos dias após o Natal, meu pai disse mais uma vez:

— Preciso falar com um pastor. Sei onde podemos ir...
Meb vai estar na igreja.

Meu pai sabia onde sua antiga vizinha estaria em uma quarta-feira à noite. Quando chegaram à igreja, o culto havia acabado de terminar e as pessoas estavam saindo. Como esperado, Meb estava lá. Um grande sorriso invadiu seu rosto quando ela viu meu pai. Quando ele disse que precisava conversar com um pastor, ela apresentou meus pais ao seu. Os quatro se sentaram e meu pai explicou seus problemas e descreveu o vazio que sentia em sua vida. O pastor identificou o problema como pecado não confessado e explicou que o vazio que ele sentia apenas Cristo poderia preencher. Meu pai concordou. O pastor então conduziu meus pais em uma oração pedindo por perdão, embora minha mãe orasse mais por vergonha e pelo potencial constrangimento de não orar em grupo.

Depois da oração, o pastor deu a meus pais uma lista pequena e direta de mudanças que eles precisavam fazer:

— Vocês precisam se casar, mudar o modo como se vestem, cortar o cabelo e fazer novos amigos.

Meus pais entenderam a necessidade de abandonar as drogas e o álcool, mas ficaram confusos sobre como poderiam arranjar novos amigos da noite para o dia. E sobre o modo como se vestiam, mal podiam pagar as roupas que tinham, como poderiam bancar um guarda-roupa totalmente novo?

A princípio, meu pai tinha um problema com o casamento. Ele fora brevemente casado quando tinha dezesseis anos. Sua namorada havia engravidado, então se casaram. Mas quando

ela sofreu um aborto espontâneo, decidiram que não queriam ficar juntos e se divorciaram após menos de seis meses em matrimônio. Algumas vezes no passado ele perguntara à minha mãe se ela se casaria com ele se ele pedisse sua mão. Ela respondia que sim, mas meu pai nunca pediu. Ele lhe disse que não tinha interesse em casar-se, pois nunca havia visto um bom casamento — nem ao crescer, nem nos poucos meses em que foi casado. Mas ao considerar o que o pastor dissera sobre a necessidade de se casar, ele concordou.

O pastor deu uma Bíblia a meus pais, mas não deu nenhuma ajuda prática de como fazer as mudanças que ele sugeriu.

Como resultado, eles deixaram a igreja perguntando-se:
— Como vamos fazer tudo isso?

VERDADEIRA MUDANÇA

A Bíblia que o pastor deu a meus pais era uma versão da Bíblia King James. Meu pai tinha dificuldades para ler e essa Bíblia específica era ainda mais desafiadora, então minha mãe lia para ele. Os dois continuaram a falar sobre igreja, e minha mãe comentou que seus colegas de trabalho haviam conversado com ela sobre Jesus e afirmado que meus pais seriam bem-vindos em sua igreja independentemente de suas vestes ou como eram. Meu pai concordou em tentar.

Eles planejaram ir à igreja Assembleia de Deus no primeiro domingo à noite do novo ano — 2 de janeiro de 1977. Meu pai

havia ajudado um amigo a mudar de casa naquela manhã e, à tarde, saiu com esse amigo.

Quando minha mãe estava se arrumando para ir à igreja, ele ligou.

— Onde você está? — perguntou ela.

— Estou em um restaurante mexicano.

Ela sabia que ele estava no único restaurante local que servia cerveja aos domingos.

— Você andou bebendo?

— Ah, só um pouco.

Quando meu pai chegou em casa para pegá-la, ele e seu amigo estavam rindo sobre como haviam apagado e acendido as luzes no restaurante. Eles tinham bebido bem mais do que apenas “só um pouco”. Minha mãe começou a chorar. Desde a noite em que oraram na igreja de Meb, nenhum dos dois havia usado drogas ou bebido — nem mesmo na noite de Ano-Novo.

— Não há a menor chance de eu ir para a igreja com vocês — disse ela.

Minha avó estava com April naquela noite, então quando minha mãe viu quão bêbados estavam meu pai e seu amigo, ela imediatamente foi para a igreja sozinha.

Como era um domingo à noite, a multidão de quase trezentas pessoas não era tão grande quanto a do culto da manhã. Cerca de oito fileiras de cadeiras dobráveis nos fundos do santuário estavam interditadas para que as pessoas se sentassem mais à frente. Minha mãe se sentou sozinha no meio da última fileira disponível. Pouco tempo depois do início

do culto, ouviu uma comoção atrás dela. Ela olhou para trás e viu meu pai e seu amigo cambalearem pela porta dos fundos.

A primeira reação da minha mãe foi tentar se esconder. Ela voltou-se para a frente, afundou no assento e tentou desaparecer entre as pessoas ao seu redor. Não funcionou. Meu pai e seu amigo avistaram minha mãe e foram até ela. Mas não caminhando pelo corredor e depois silenciosamente deslizando pela fileira onde minha mãe estava sentada. Meu pai fez a rota mais direta possível entre o ponto A e o ponto B — passando por cima das fileiras de cadeiras vazias!

Minha mãe continuou a olhar para a frente enquanto todos os outros passaram a observar os dois saltadores de cadeiras bêbados. Meu pai e seu amigo caíram bem ao lado da minha envergonhada mãe, e o amigo começou a tagarelar.

Um assistente do culto, procurando acalmar o tumulto, aproximou-se e perguntou ao amigo do meu pai se ele não gostaria de ir sentar-se ao lado dele, e o sujeito foi.

No altar, o pastor falava sobre ser libertado do cativeiro das drogas e do álcool. Por umas duas vezes durante a fala, o amigo do meu pai deixou seu assento, correu até meu pai, disse: “Bear, esse cara sabe o que está dizendo!” e depois correu de volta para seu lugar ao lado do assistente.

Enquanto o pastor pregava, minha mãe notou lágrimas nos olhos do meu pai. As palavras do pastor realmente mexeram com ele, que chorou ao longo do discurso inteiro.

Quando o pastor finalizou sua fala e perguntou se alguém gostaria de subir no altar e receber Jesus em seu coração, o amigo do meu pai correu à frente, mas meus pais hesitaram,

ambos pensando: “Nós já não fizemos isso?”. Quando um pastor da juventude se aproximou e ofereceu-se para levá-los ao altar se quisessem responder ao chamado do pastor, eles se levantaram e também foram adiante. A congregação reuniu-se ao redor dos três e orou por eles. Com todos chorando, minha mãe naquele ponto estava aliviada pois eles enfim iam mudar. Meu pai foi imediatamente liberto das drogas e do álcool e saiu da igreja sóbrio.

Mais tarde, eles descobriram que os alcoólatras e os hippies eram os tipos de pessoa menos queridos pelo pastor, mas mesmo assim ele havia acolhido meu pai e seu amigo na igreja naquela noite. Os membros da igreja oravam para que um renascimento acontecesse ali, e, naquela noite, quando de todas as pessoas possíveis, dois hippies bêbados responderam ao chamado do altar, eles perceberam que suas orações tinham sido atendidas. Deus trabalha de maneiras misteriosas!

O pastor acabou tendo muitas oportunidades de compartilhar o que ele chamaria de “ministério de qualquer pessoa”, exortando o corpo de Cristo a ministrar a quem Deus trouxesse em seu caminho.

Em vez de focar em coisas exteriores, os membros daquela igreja encorajaram meus pais a mergulhar na Palavra e na comunhão com outros crentes. Eles deram a meus pais uma cópia da Bíblia Viva para levarem para casa e sugeriram que começassem a ler pelo Evangelho de João. A maneira de João expressar o amor que Jesus demonstrou para com toda a humanidade em Sua morte e ressurreição impactou profundamente o coração da minha mãe. Ela teve uma

revelação de que, assim como meu pai, ela também era uma pecadora necessitando de salvação. Certa noite, em sua poltrona favorita na sala de estar, ela disse:

— Senhor, me desculpe.

Esse foi o momento em que tudo mudou para ela. Minha mãe pediu que Jesus entrasse em seu coração e orou:

— Eu irei a qualquer lugar, farei qualquer coisa. Tudo que pedir, sou Sua.

Bem apropriado, considerando suas personalidades contrastantes. Meu pai aceitou Cristo em ambiente público e emocionante; minha mãe fez o mesmo em um momento particular e silencioso. Ainda assim, o impacto imediato de suas decisões foi igual: a vida de ambos mudou por completo. No dia 22 de janeiro de 1977, naquela mesma igreja da Assembleia de Deus, eles se casaram. Desse dia em diante, modelaram o tipo de relacionamento que Deus prescreveu na Bíblia e estabeleceram a fundação da fé na qual eu seria criado.

Eu nasci quase um ano depois, no dia 12 de janeiro de 1978. Após oito anos, April e eu ganhamos nosso irmão Jared. Dois anos depois dele, Joshua chegou. Josh nasceu com síndrome de Down, e foi uma benção que completou nossa família de muitas maneiras.

A decisão dos nossos pais de se tornarem cristãos certamente não resultou em uma vida de navegação suave para eles e nossa família. Na verdade, foi exatamente o contrário, pois encontramos nossa parte de lutas. E nem todos nós

quando crianças caminhamos sempre no caminho que nossos pais desejavam que seguíssemos.

No entanto, por toda a nossa jornada juntos, sempre soubemos aonde recorrer para as respostas das perguntas da vida: a Palavra de Deus e um ao outro. E esse padrão permaneceu inalterado quando passamos de crianças da família Camp para adultos com suas próprias famílias. Nossa família tem histórias incríveis da misericórdia amorosa de Deus.

APRENDENDO EM CASA

Quando meu pai frequentava a escola, ele tinha dificuldade de concentrar-se na leitura — provavelmente graças ao abuso de drogas e álcool. Contudo, lembro-me de que, quando eu era criança, sempre o via lendo a Bíblia. Ele contou que, por causa dos seus problemas na escola, odiava ler livros antes de se tornar cristão. Mas era claro que adorava passar o tempo estudando a Palavra de Deus. Na verdade, por um breve período moramos em Springfield, Missouri, para que ele frequentasse a Central Bible College e se preparasse para ingressar no ministério em período integral.

Recordo que minha família sempre esteve fortemente envolvida com a igreja. Nós éramos uma dessas famílias que ficam na igreja praticamente o tempo todo enquanto as portas estão abertas. Meus pais participavam e conduziam estudos bíblicos. Recebíamos amigos em casa, meu pai tocava seu

violão e fazia o culto ali mesmo em nossa sala de estar. Minha mãe e meu pai compartilhavam sua fé com qualquer um que conhecessem, contando-lhes sobre a transformação completa que Deus havia feito em sua vida.

A impressão dos meus pais que permanece dentro de mim é referente a quão verdadeiros eles eram. Tanto em casa quanto na igreja, eles eram os mesmos. Eles não iam à igreja, erguiam suas mãos durante o culto e falavam como um cristão deve falar e depois retornavam para casa e agiam diferente. Eles não compartimentavam. Eles eram quem eram pois isso era o que eles eram; as mudanças que Deus fez em seu coração foram definitivas e refletiam em cada área de sua vida. Atribuo a consistência dos meus pais em viver o estilo de vida cristão como a razão pela qual eu nunca me cansei do cristianismo ao crescer, nem mesmo durante os anos em que vaguei entre os caminhos certos e errados.

A frase “Ele tem coração de pastor” descreve perfeitamente meu pai. Ele é um ótimo ouvinte e realmente se importa com as pessoas. Lembro-me de pessoas sentadas em nossa sala, abrindo o coração, e ele sentado lá não apenas ouvindo, mas ouvindo atentamente. Ele é mesmo assim, e as pessoas obviamente adoram estar perto dele.

Meu pai também é divertido. Depois de se tornar cristão, continuou sendo festeiro — apenas o estilo de festa mudou. Quando íamos acampar — sim, a família Camp acampava —, meu pai improvisava músicas hilárias ao redor da fogueira. Para envolver a família toda, ele nos fazia repetir as letras bobas que inventava. Certa vez, fomos patinar e ele foi vestido

com um macacão e shorts por cima, só para ser um verdadeiro pateta e ver se conseguia nos envergonhar.

Minha mãe é mais educada e respeitável. Ela não é extrovertida (exceto quando vê o Senhor trabalhando) e é meticulosa. Eu achava que ela levava uma eternidade para maquiar-se. Também escreve devagar, mas quando termina sua letra está perfeita.

Ela mantém a casa limpa e organizada, pois, como meu pai, gosta de convidar os amigos e receber estudos bíblicos e grupos de oração. E minha mãe é dedicada à oração. Lembro-me de muitas vezes entrar na sala e vê-la com o rosto abaixado, orando e intercedendo.

Meus pais foram opostos que se atraíram, mas cujos modos opostos se complementaram através de Cristo. Meu pai tem uma atitude do tipo “vá fundo”. Se percebe que Deus quer que ele faça alguma coisa, ele está pronto para fazer. Já minha mãe diria:

— Precisamos ter mais certeza disso, então vamos orar mais um pouco.

Minha personalidade é mais parecida com a do meu pai, mas aprendi com minha mãe a importância da disciplina e da firmeza no estilo de vida cristão.

Quando éramos crianças e enfrentávamos problemas, nossos pais nos encorajavam com as palavras e a sabedoria da Bíblia — não apenas com suas próprias palavras e conselhos. O momento da oração era sempre priorizado, pois nossa casa era uma casa de adoração. Com frequência, orávamos juntos em família. Quando tínhamos necessidades, tanto individuais

quanto como um grupo, orávamos por elas. E nós definitivamente tínhamos necessidades.

CAPÍTULO 2

CABO DE GUERRA

NOSSA FAMÍLIA NÃO ERA APENAS POBRE, mas superpobre. Antes de se tornar cristão, meu pai era usuário de álcool e drogas, o que o impedia de manter empregos estáveis. Depois que meus pais foram salvos, Deus passou a ser a prioridade deles e se tornou um alicerce para nossa família.

Como meu pai não teve uma formação educacional sólida, os melhores empregos que ele conseguia eram em fábricas, que muitas vezes exigiam longas horas de trabalho, inclusive aos domingos. Porém, para passar mais tempo com a família e permanecer em comunhão com outros crentes, meu pai optou por trabalhar na indústria da construção. Nesse tipo de trabalho, no entanto, acontecem muitas demissões, especialmente no inverno.

Não é exagero dizer que houve dias em que a dispensa ficava vazia e sabíamos que ela permaneceria assim até o pagamento do próximo salário do meu pai. Em família, orávamos por comida, e aconteceu de, na manhã seguinte das orações, encontrarmos uma caixa de mantimentos no degrau da porta da frente. Até onde eu sei, meus pais não contavam a ninguém que estávamos sem comida. Mas Deus sabia, e Ele informava nossas necessidades para o coração de alguém.

Muitas vezes, não tínhamos ideia de quem havia nos levado comida, mas sempre soubemos que era uma dádiva de Deus.

Nossa eletricidade e água foram cortadas algumas vezes porque não podíamos pagar as contas. Quando estávamos sem eletricidade, nos contentávamos com a luz de velas ou a óleo até chegar o dinheiro do próximo salário.

Em uma das casas em que moramos, o fogão a lenha que ficava no porão era a única fonte de calor. Eu achava o porão assustador — parecia uma caverna subterrânea — e, mesmo quando meu pai estava trabalhando e eu era o homem mais velho em casa, sentia muito medo de descer ao porão para acender o fogão. Minha mãe também não gostava de ir até lá. Eu estudava ou lia no meu quarto embrulhado em cobertores; mesmo com muito frio, dificilmente eu descia para o porão.

Por conta da falta de eletricidade, não podíamos dar descarga no banheiro, pois nossa água corria em uma bomba, então tínhamos de pegar um balde de neve na rua e despejá-la no vaso sanitário para limpá-lo. Lembro-me de quando ficávamos sem papel higiênico e não tínhamos dinheiro para comprar mais ou o dinheiro que tínhamos estava sendo poupado para necessidades maiores. Nossos pais nos ensinaram a fazer papel higiênico usando jornal velho, amassando as páginas e esfregando-as para amolecê-las para uso.

Às vezes, tínhamos de juntar dinheiro para meu pai comprar gasolina, para que ele pudesse ir trabalhar. April e eu contribuíamos com as moedas que eventualmente tínhamos

guardadas. Colocávamos o que tínhamos na mesa, contávamos o dinheiro e o entregava ao nosso pai:

— Pai, aqui estão 3,50 dólares.

Não vivíamos assim o tempo todo, mas aconteceu o suficiente para que eu tenha lembranças claras de como foram essas experiências.

Usávamos roupas de segunda mão, mas nossos pais fizeram o possível para garantir que tivéssemos o que precisávamos. Se um de nós precisasse de uma calça jeans ou sapatos, nós ganhávamos. De vez em quando, tínhamos dinheiro suficiente para comer fora em um lugar como o Wendy's — e comer fora, mesmo que fosse *fast-food*, era um verdadeiro deleite.

De salário em salário, meus pais viviam pela fé. Eu os observava atentamente e me surpreendia com a fé deles em circunstâncias difíceis e estressantes. Lembro-me de que, nos momentos em que nossas necessidades eram grandes, meu pai pegava o violão e conduzia alguns momentos de adoração em família. Apesar das circunstâncias, ele tocava e cantava com uma alegria incrível. Para meus pais, Deus realmente era bom o tempo todo.

Precisei muito do exemplo dos meus pais. Quando comecei a frequentar a escola, passei a comparar nossa situação com a das famílias de colegas de classe. Essa percepção me deixou com vergonha de ser pobre.

Nossa escola participava de um programa governamental que fornecia merenda gratuita para os alunos de famílias de baixa renda. Estar nessa lista era especialmente vergonhoso. Eu sentia tanta vergonha que implorava aos meus pais para

que me dessem dinheiro para que eu pudesse ser visto comprando o almoço em vez de ser visto recebendo a comida do programa.

Certa vez, um aluno percebeu e apontou que eu estava usando a mesma camisa pela segunda vez na semana. Me senti tão humilhado que quis me esconder. Mas nunca me resenti da nossa situação. Eu sabia que meus pais trabalhavam duro para ganhar o máximo de dinheiro possível para nós, e eles não deixavam dúvidas da fé que tinham de que Deus proveria nossas carências. E cada vez que Ele atendia às nossas necessidades, por quaisquer meios, meus pais faziam questão de que nós, crianças, soubéssemos que tudo havia sido providenciado por Deus.

Até mesmo o Ford Pinto.

DANDO E RECEBENDO

Os carros estavam entre os presentes com que éramos abençoados e, com certeza, tivemos alguns veículos interessantes. As pessoas eram gentis em nos oferecer carros, mas, é claro, não eram veículos que poderíamos usar por muitos anos. Nossa família os usava pelo tempo que desse, então Deus colocava no coração de outra pessoa para nos dar nosso próximo veículo. Somos gratos por cada carro que recebemos. Um desses carros foi um Ford Pinto laranja triste e surrado.

Certa vez, minha mãe foi buscar April e algumas amigas dela em uma reunião de escoteiras. Enquanto minha mãe dirigia de volta para casa, ela viu pelo espelho retrovisor que uma das amigas de April estava de olhos arregalados observando as características interessantes do interior do carro.

— Onde você conseguiu esse carro? — perguntou a amiga de April.

— Ganhamos de um amigo — minha mãe respondeu.

A garota retomou a inspeção antes de dizer alto o suficiente para minha mãe ouvir:

— Huumm, um amigo.

Minha mãe riu e continuou dirigindo pela estrada.

Lembro-me de outro carro, também um Ford Pinto laranja. Minha mãe foi me buscar na igreja com ele. Entrei e, olhando para baixo, observei o chão debaixo dos meus pés. Do lado do passageiro o piso estava tão enferrujado que havia grandes buracos no chão.

Fechei a porta e notei um cinto pendurado nela.

— O que é isso? — perguntei.

— Aperte a fivela e segure firme — minha mãe me disse. — Se não fizer isso, a porta se abrirá nas curvas.

Nesse caso foi fácil obedecer à minha mãe. Eu segurei o cinto com força por todo o caminho para casa.

Quando cheguei ao ensino médio, praticar esportes me ajudou a ficar bastante popular entre meus colegas de classe. Na verdade, eu era legal demais para o meu próprio bem, mas isso será tratado mais adiante.

Um dia, depois da escola, eu estava conversando com minha namorada enquanto esperava meu pai me buscar. Na verdade, namorada é uma palavra muito forte para descrever nosso relacionamento. Estávamos “saindo juntos”, como dizíamos, mesmo indo para lugar nenhum. Mas, na época, parecia ser um relacionamento sério. Ela era minha namorada e também líder de torcida. Lá estava eu, o jogador de futebol americano popular, tentando parecer legal enquanto conversava com minha namorada líder de torcida, quando ouvi um carro barulhento entrando no estacionamento.

Me virei para olhar, assim como todos que estavam por perto, e vi meu pai chegando em outro Ford Pinto (este era vermelho) que alguém havia nos dado. O carro já não tinha mais o silenciador do escapamento há muito tempo, seria impossível chegar discretamente na escola.

Era um carro enferrujado e batido, e senti que todas as pessoas que estavam por ali me observaram enquanto eu caminhava até ele. Peguei a maçaneta da porta do lado do passageiro e puxei. Não cedeu. Dei outro puxão enquanto tentava não deixar aparentar que aquela já era minha segunda tentativa. Nada. No final, tive de entrar no carro pela janela. Confie em mim, não há como fazer isso sem ser notado. Por eu ser um atleta popular na escola, lidei bastante com alguns constrangimentos, mas nunca me resenti da situação financeira da nossa família. Eu queria que tivéssemos carros melhores e que não precisássemos ir a brechós para comprar roupas, mas, por causa da atitude dos meus pais, não tenho ressentimentos.

O tempo todo eles trabalharam duro e nos ensinaram a ter fé em Deus e acreditar que Ele atenderia às nossas necessidades. E Ele atendeu, inúmeras vezes.

Não conseguíamos ter muitas das coisas que queríamos, mas isso nos ensinou a apreciar os momentos em que recebemos o que estava em nossas listas de desejos.

O Natal era muito importante em nossa casa. Eu sempre tive problemas para dormir na noite de Natal e, invariavelmente, acordava por volta das três da manhã e perguntava aos meus pais:

— Podemos, por favor, levantar? Podemos, por favor, levantar?

Eles me mandavam de volta para a cama, e eu tinha de esperar até uma hora mais decente para me levantar e abrir os presentes.

Meus pais também ficavam empolgados com essa data, porque economizavam todo o dinheiro que desse para comprar presentes para tornar a manhã de Natal especial para todos nós.

Um presente que me lembro claramente quando recebi demonstra como aprendemos a apreciar o que outras crianças de nossa idade podiam considerar um presente sem importância. Eu gostava muito de esportes e, em um Natal, recebi uma mochila Nike para levar todo o meu equipamento esportivo. Fiquei tão feliz! Eu carregava aquela bolsa sempre que precisava transportar meu equipamento.

Embora tenha adorado ganhar a mochila e ela fosse muito prática, o mais importante era saber que meus pais tinham

feito alguns trabalhos ocasionais e economizado para me dar um presente. Espero que meus filhos tenham o mesmo apreço que eu tinha quando jovem. Embora estejamos em uma posição financeira diferente da que meus pais estavam, minha esposa e eu queremos que nossos filhos saibam que os presentes que recebem de Natal são bênçãos de Deus. Provavelmente, essa lição é mais fácil de ensinar quando uma família tem menos recursos, como foi o caso da minha.

Embora meus pais não tivessem muitos recursos materiais, eles se doavam às pessoas. Eram ótimos em doar tempo e atenção aos outros — dois recursos que as pessoas têm para oferecer, mas geralmente não percebem.

Além dos estudos bíblicos e dos grupos da igreja, meus pais também foram tutores de meninos problemáticos.

Quando eu tinha seis anos, eles começaram a trabalhar com um grupo que fornecia abrigo para adolescentes que estavam com problemas. Pelo menos oito garotos ficaram conosco ao mesmo tempo, e alguns tinham histórias muito difíceis.

Meus pais foram orientados de que não haveria problema se eles falassem sobre Jesus e nossa fé com os meninos, mas apenas se eles perguntassem alguma coisa. Porém, quando meus pais compartilharam o Evangelho com os meninos que demonstraram interesse, o grupo desaprovou.

Como consequência, meus pais deixaram o programa depois de um ano. Mas meu pai conseguiu um emprego em um lar para meninos, então constantemente recebíamos em casa garotos e até alguns adultos que precisavam de ajuda.

Uma mulher idosa cadeirante morou conosco por um tempo. Também havia um policial que procurava meus pais com frequência para saber se poderíamos abrigar um ou outro garoto problemático. E nosso pastor contatava meus pais sempre que pessoas que ele conhecia precisavam de um lugar para ficar.

Em duas ocasiões diferentes contribuí com esse programa. Os garotos não eram meus amigos íntimos, mas eu sabia que eles viviam situações difíceis em casa e perguntei a meus pais se eles poderiam ficar conosco.

— Se você não se importa em dividir o quarto com eles — responderam.

Para mim isso não era problema, e quando os pais desses garotos concordaram em deixá-los morar conosco por um tempo, tive novos colegas de quarto.

Meus pais gostavam de pessoas problemáticas, especialmente jovens, e queriam proporcionar o ambiente familiar estável que a maioria deles não tinha. E eles faziam isso mesmo sem condições financeiras.

Mas Deus sempre atendeu às nossas necessidades.

Um adolescente chamado Todd morava conosco. Ele era um garoto grande e com muito apetite. Um dia ele abriu a geladeira e não havia muito o que comer.

— Teri — ele perguntou à minha mãe —, o que vamos jantar?

— Não se preocupe com isso — respondeu ela. — Tem comida aí, você simplesmente não está conseguindo ver.

Todd lançou-lhe um olhar estranho e fechou a porta da geladeira.

Na hora do jantar, minha mãe juntou tudo o que encontrou na geladeira e nos armários. Quando Todd chegou à mesa da cozinha, precisou olhar duas vezes para acreditar na ampla variedade de alimentos. Todd comeu tudo o que pôde e deixou a mesa espantado com a fartura do que antes pareceu ser tão pouco.

Não importa quão acostumados estamos em ver Deus prover, nossa família se sente surpreendida a todo momento. Nós realmente entendemos que Deus sempre atendeu às nossas necessidades.

A BATALHA INTERIOR

Minha mãe gosta de contar a história de quando ganhamos uma caixa térmica cheia de fígado de boi. Comemos muito fígado por um tempo, e minha mãe se lembra de ter orado:

— Senhor, gostaria que tivéssemos algo diferente para comer.

Pouco depois de orar, ela leu em Deuteronômio a parte em que os israelitas são lembrados de como o Senhor os havia auxiliado no deserto. Os israelitas estavam queixosos e reclamavam porque o Senhor havia lhes dado maná para comer todos os dias e eles estavam cansados de comer a mesma comida repetidamente.

*image
not
available*

e com o sentimento de convicção que sentia sempre que fazia esses programas.

Na igreja, eu me convencida das decisões erradas que estava tomando. Dizia a Deus que sentia muito e que queria mudar. Mas então ia para a escola na manhã seguinte e sentia vontade de fazer as mesmas coisas que os outros estavam fazendo. Eu queria fazer o certo, mas ao mesmo tempo não conseguia recusar o que sabia que estava errado.

Era o tipo de batalha interna sobre a qual Paulo escreveu em Romanos 7:21-25:

Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor.

Descobri que, na minha busca por me divertir, eu estava apenas me divertindo. Os momentos divertidos não foram duradouros. Eles não poderiam durar porque, como sabia no meu coração, a fonte da minha diversão estava longe da vontade de Deus. E eu aprendi que a paz que ganho me divertindo dentro da vontade de Deus é muito melhor.

*image
not
available*

carteira. Mais tarde, meus pais me disseram que sabiam que eu estava vagando por áreas potencialmente perigosas durante aquele período, mas não faziam ideia de quão longe eu tinha ido, porque tomei o cuidado para que não descobrissem.

Eu não estava me revoltando contra eles, estava apenas fazendo o que dava vontade. Se estivesse me rebelando, gostaria que eles soubessem pelo menos um pouco do que eu estava fazendo. Mas não foi esse o caso, porque eu não queria machucá-los. Não queria decepcioná-los.

Enquanto minha mãe e meu pai liam a letra de “Set me free”, seus semblantes ficaram sérios.

— Isso é muito pesado — disse meu pai. — Você está bem?

“Eles me pegaram!”, pensei imediatamente. Me fiz de desentendido.

— Eu estava pensando em April quando escrevi — disse.

Minha irmã também estava fazendo o que bem entendia. Mas ela tinha ido mais longe e até usou drogas por um tempo. Além disso, meus pais sabiam mais sobre o que ela estava fazendo do que eu. Eles acreditaram na minha mentira e escondi um suspiro de alívio por me esquivar de ser pego naquele momento.

Mas não consegui evitar essa mensagem na primeira música que escrevi.

PRESSIONANDO O BOTÃO *RESET*

*image
not
available*

errados. Apesar de esse estilo de vida parecer, em um primeiro momento, com liberdade, na verdade é uma escravidão — a escravidão do pecado.

É comum reconhecermos quem usa álcool e drogas porque as evidências aparecem claramente em seu corpo e rosto. Essas pessoas não parecem pacíficas. O pecado nos sobrecarrega e naquela noite percebi o peso do meu fardo. Estava me sentindo “saudável” novamente.

Durante o louvor e adoração na noite seguinte, ergui minhas mãos junto das outras pessoas. Experimentei o que elas possuíam — e não demorou muito para entender que eu até então tinha perdido uma experiência que valia a pena perseguir com todo o meu coração.

Os estudos bíblicos e os serviços durante o resto da semana ganharam vida para mim. Courson continuou ensinando com base no Apocalipse, enfatizando como a igreja pode se afastar da vontade de Deus e a importância de os cristãos serem puros em todas as suas palavras, ações e motivações. Muitas vezes, enquanto ele falava, pensei: “Ah, exatamente como eu faço. Você está falando diretamente comigo?”.

Uma passagem que estudamos tratava da igreja em Laodiceia. Das sete igrejas abordadas no início do Apocalipse, essa tinha se tornado indiferente. A igreja de Laodiceia estava vivenciando seu próprio cabo de guerra entre fazer a vontade de Deus e buscar os prazeres mundanos. A forma de agir da igreja em Laodiceia tornou-se tão desagradável para o Senhor que Ele proferiu essas palavras em Apocalipse 3:16: “Assim,

*image
not
available*

grandes temporadas na Ucrânia tinha um carro que só usava quando estava em casa durante o verão, e o ofereceu para eu usar enquanto estivesse fora.

Meus pais — talvez sobretudo meu pai naquele ponto — não estavam convencidos, no entanto, de que estudar naquela escola daria certo.

— Confiem em mim, não posso ir para minha antiga escola este ano — disse a eles.

Meu pai estava animado com a próxima temporada de futebol, pois eu seria o *running back* do McCutcheon Mavericks e provavelmente teríamos um time muito bom. Ele ficou tentando me convencer de que estar no time de futebol me daria uma ótima plataforma pela qual eu poderia falar a todos os jogadores sobre ser cristão.

— Mas eu não sou um líder — falei para ele. — Sei que não sou um líder.

Porém, apesar dos meus apelos e esforços, fui mandado para o McCutcheon High.

No primeiro dia de aula, eu não queria ir de jeito nenhum. Até me vestir foi um verdadeiro fardo. Eu tinha medo de que, se entrasse nos corredores daquela escola de novo, me afastaria do Senhor.

Sentei com minha mãe na sala de estar enquanto esperava relutante pelo ônibus da escola. Meu pai, que estava tomando banho, apareceu na sala.

— Jeremy — disse ele —, o Senhor falou comigo enquanto eu estava no chuveiro. Ele me disse que, se você está dizendo

*image
not
available*

temporada, comecei a pensar que o futebol americano poderia ser minha rota para a faculdade.

Quando decidi não retornar para a escola pública no terceiro ano, informei o treinador.

— Não posso fazer isso. Não posso voltar para essa escola. Um olhar chocado cruzou seu rosto.

— Por que não? Você faz parte do time.

— Deus mudou meu coração e tenho de me afastar disso.

Ele não pareceu entender totalmente minha explicação, mas deixei claro que minha decisão era final.

Ele pareceu concordar.

Já disse que a escola cristã era “muito pequena”. Talvez o melhor seria dizer “muito, muito pequena”. Pelo que me lembro, havia apenas seis pessoas no ensino médio. Nem é preciso dizer que a escola não tinha um time de futebol ou nenhum outro time esportivo.

Apesar de estar aliviado por não estudar mais na escola pública, eu sentia uma falta enorme de jogar futebol.

Às vezes, meu pai e eu dirigíamos até a Universidade Purdue em West Lafayette para tocar canções gospel em uma pequena praça do campus. Os estudantes paravam e ouviam, e, algumas vezes, nossa música criava uma oportunidade de compartilharmos sobre Cristo com eles.

Em uma sexta-feira à noite, estávamos dirigindo para a Purdue quando passamos pela minha antiga escola. As luzes do estádio de futebol estavam acesas e dava para ver suficientemente o interior do estádio para enxergar a torcida na arquibancada e os jogadores no campo.

*image
not
available*

temporada anterior, teria de provar o meu valor. Mas estar em uma situação na qual as oportunidades de carregar a bola estavam divididas entre dois *running backs* tornou isso muito difícil. Alguns amigos queriam que eu fosse o *running back* titular e, nos jogos em casa, sentavam nas arquibancadas e gritavam:

— Passem a bola para o Camp! Passem a bola para o Camp!

Meu pai ficou tão frustrado que, depois de um jogo, pediu educadamente para falar com o treinador.

— O Jeremy é mais rápido do que o outro *running back*?

— Sim — respondeu o treinador.

— O Jeremy é mais forte?

— Sim.

— No geral, o Jeremy corre melhor?

— Ah, sim.

— Então por que não o deixa jogar mais? — concluiu meu pai. — É questão de política?

— Não — respondeu o treinador.

Falar com o treinador assim era atípico do meu pai, mas esses foram tempos frustrantes para nós, pois meu objetivo era entrar na Purdue e ir em frente — a princípio jogar sem uma bolsa de estudos na esperança de ganhar uma para as temporadas seguintes —, e ter uma boa temporada no último ano como *running back* em uma das escolas locais teria sido de grande ajuda. Mas posso olhar para trás hoje e ver a temporada do meu último ano como se Deus dissesse: *Isso não é o que*

*image
not
available*

duas semanas. Eu sabia que o sonho tinha um significado, mas não sabia qual era até Deus colocá-lo em meu coração: eu ainda tinha o telefone de Satanás pois não cortara os laços com ele por completo. Era hora de seguir adiante e nunca mais olhar para trás. *Eu tenho um plano para você*, senti Deus dizer para mim, *e quero que se aprofunde em Minha Palavra*.

Era isto, a resposta era cristalina: o desejo de Deus era que eu fosse para a Calvary Chapel Bible College.

*image
not
available*

No entanto, sabia que queria aprofundar-me na Palavra de Deus. Não queria meramente ler as escrituras e pensar: “Isso foi legal”. Eu queria compreender o que estava lendo. Eu queria pegar uma parte, estudá-la a fundo e dizer: “O.k., agora eu sei isso tudo. Agora vou pensar um pouco sobre isso e perguntar ‘O que essa passagem está realmente fazendo com meu coração?’”.

Experimentar verdadeiramente uma fé transformadora em Jesus significa pegar Sua Palavra das páginas da Bíblia e permitir que Ela se aloje em nosso coração para direcionar nossas ações.

Então eu lia e perguntava: “O que está dizendo, Senhor?”. Às vezes, orava: “O que quer dizer com isso, Deus?”. Depois meditava sobre a passagem. Eu gostaria de destacar Filipenses 4:8, que diz: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”.

Se um pensamento não encontrava o *checklist* do apóstolo Paulo, eu não queria dar-lhe prioridade em minha mente.

Por último, eu queria dar o próximo passo para viver segundo a Bíblia. A Palavra de Deus é viva e eficaz.^[7] Quando nós realmente a estudamos e sobre Ela meditamos, Ela faz algo dentro de nós. Escolhi um plano simples: abrir minha Bíblia em Gênesis e estudar profundamente Apocalipse. A CCBC tinha uma forte ênfase em aulas sobre a Bíblia. Desde o começo do meu primeiro semestre, sabia que precisava do estudo aprofundado em classe para acompanhar o que

*image
not
available*

próprio benefício, precisava mudar para que os outros pudessem se beneficiar — e, assim, Deus ser glorificado.

Aparentemente, meu amor pelas pessoas aumentou de forma exponencial.

Eu via alguém sentado em um banco do campus, parecendo deprimido ou angustiado, e meu coração começava a doer por aquela pessoa. Então, eu sentia um empurrão em meu espírito para ir até ela e dizer-lhe que Jesus a amava, que havia esperança em Cristo e que Jesus tinha muito para lhe dar. Tornou-se uma missão pessoal compartilhar o amor e a esperança de Jesus com os outros. E essa missão não apareceu meramente do conhecimento adquirido em sala de aula, pois experimentei Sua presença em meu momento solitário naquele assento do santuário.

Na primeira vez que retornei a Indiana, desculpei-me com meu irmão Jared e pedi seu perdão por não ter sido um irmão melhor para ele. Jared era oito anos mais novo que eu e a diferença de idade provavelmente foi o motivo de não termos sido tão próximos quanto poderíamos ser. Além disso, tínhamos personalidades opostas. Ele era mais reservado, como minha mãe, e eu era mais do tipo “vamos fazer uma loucura”, como meu pai.

Quando minha sensibilidade para com os outros aumentou, percebi que não tinha sido o irmão mais velho exemplar que eu poderia ter sido. Quando pedi seu perdão, Jared graciosamente respondeu:

— Ah, está tudo bem.